

O JORNAL DOS DEBATES.

Publica-se às Quintas Feiras de cada semana. Subscreve-se n'esta Typographia a 1.000 rs. por trimestre.

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DO DIARIO — RUA DA AJUDA N.º 79.

EXTERIOR.

Acabámos de ler Gazetas da Europa com dacta até os primeiros dias de Julho, e em uma d'ellas, o — *Journal des Debats* — com surpresa notámos o seguinte trecho, que não podemos deixar passar, seu que lhe anexemos algumas observações.

— O Governo do Chile acaba de fazer á França insultos, iguaes aos que a forçaram á bloquear os portos de *Vera Cruz*, e *Buenos Ayres*. E é hoje mais que provável, que breve a divisão naval francesa, sita nos mares do Sul, bloqueiará tambem o porto de *Valparaiso*. —

— Todas estas miseraveis querelas, originadas da anarquia, que devora os pequenos estados do novo Mundo, e que assim os atira contra as mais poderosas nações Europeas, tornam-se mais que muito intoleráveis, e a França se não resignará sempre a supportar, como o tem feito até a quadra actual, os caprichos de pequenos governos, que com tanta rapidez se succedem n'esses pequenos estados. —

Por ventura, este trecho do periodico por excellencia ministerial de França, écho das doutrinas do Ministerio — *Molé-Montalivet* —, não oferta tantas ideias, pensamentos tão extraordinarios aos filhos da America? — E como o deixaram de traduzir, e publicar os nossos periodicos quotidianos? — Parece, que o desprezo das nações poderosas da Europa, para com os pequenos Estados da America, se vai declarando progressivamente.

O bloqueio de *Vera-Cruz*, já uma vez o dissemos, é tudo o que a immigração humana possa comprehender de mais injusto. As reclamações da França á nada menos tendiam do que ao predominio immediato d'ella sobre o Estado Americano. A França queria *juízos especides*, compostos por Franceses, presididos pelo seu Consul, para julgar todas as questões civis, commerciales, e criminais, que se suscitassem não só entre seus mesmos subditos, senão tambem entre Franceses, e Mexicanos. Ainda não paravam aqui estas injustas, illegaes, e extravagantes reclamações. Ela queria a indemnização de muitos Franceses, que em razão das desordens occorridas n'aquelle paiz, ha-

viam sofrido alguns prejuiclos; si a França porém se contentasse com a justa indemnidade de tâes prejuiclos, seria desculpada por aquelles, que julgassem devida a pretenção; mas não; ella tinha por si a força, calcou aos pés a justiça, e requeria sommas extraordinarias por prejuiclos muito fracos e pequenos.

Nós já apresentámos o resumo de suas reclamações; e quem com fria razão observar o quão poucos são os generos necessarios para o negocio de um pasteleiro francez, que sempre demonstra no seu exterior uma grandeza superior ao que na realidade é, notará immediatamente a exorbitância da reclamação d'aquelle reino, que requereu como indemnidade a enorme somma de 25.000 pesos.

Esta violação solemne de todos os direitos internacionaes alienou da França todas as sympathias, que lhe votára a America. Já o bloqueio illegal, ainda que depois legitimado por ordens de seu governo, praticado em *Buenos-Ayres*, lhe havia feito perder grande parte dos votos, e dedicação dos Estados Americanos para com aquella nação que soccorreu o povo do novo mundo, que primeiro se libertou das cadeias, que o manietavam á Europa, para com a Patria emfim dos *Lafayettes*.

E no fim de tudo isto, eis que aparece o Periodico ministerial de França, proclamando, que o *Chile* vai tambem servir em holocausto ás paixões de seu governo, que tambem este Estado têm de sofrer o destino, que partilham o *Mexico*, e *Buenos-Ayres*. — Talvez que breve nos toque o nosso turno; já Mr. *Molé* anunciou nas Camaras Francesas, que tinha contas á ajustar com o Brasil, e rendâmos graças ao Céo, si não passa pela cabeça do Presidente do Conselho dos Ministros, á exemplo do que elle praticou para com *Buenos-Ayres*, e *Mexico*, e do que pretende praticar para com o *Chile*, mandar já e já bloquear um dos nossos portos, e com os morrões accesos, pedir-nos tantos e tantos milhões, que necessite a França para completar o pagamento da famosa dívida, que os gritos do General *Jackson* lhe pozeram sobre os hombros. Si *Van-Buren*, actual Presidente dos Estados Unidos, sabe tão bem gritar como Jack-

son, obriga novamente a França á pagar modernas indemnizações... não sabêmos onde esconder-nos, ella que de novo batterá ás nossas portas, bloqueiará os nossos portos, e sob pretextos de honras offendidas, de ultrajes recebidos, esviasiá nossos tesouros e nossos cofres.

Não podemos passar adiante, sem lembrar n'este momento ao leitor aquelle pensamento do Sr. *Conselheiro Nabuco*, publicado no seu grande *catecismo*. — P. — Para que servem os peixes? — R. — Os pequenos para alimentar os grandes, e todos para dar que comer ao homem. —

Servirão os pequenos Estados da America para alimentar as grandes Nações da Europa? — Para que então proclamámos Independencia? —

Passemos no entanto á outro assunto, deixando o leitor entregue ás suas reflexões.

A conversão da renda caio na Camara dos Pares por uma grande maioria; eis ahi um conflito, entre as duas Camaras, de que se entrem actualmente todos os Periodicos de Pariz. A proxima Sessão dará sua solução. O Ministerio na Camara dos Pares foi attacado violentissimamente por Mr. *Villemain*. O illustre Professor da Sorbona reprehende-lhe sua conducta varia e incerta, tanto á respeito d'esta questão vital, como ácerca de outras muitas, mostrou-lhe suas contradições, e incoherencias, e prognosticou-lhe para breve a sua queda. O partido Ministerial conta esta decisão da Camara dos Pares, como um dos mais bellos triunfos do Gabinete *Molé-Montalivet*, esquecendo-se talvez os apuros á que se achará elle exposto, na proxima Sessão, tendo de lutar contra quasi as fracções da Camara electiva.

O Processo *Laity* occupa todos os espíritos. O eloquente advogado *Michel de Bourges*, membro da Camara dos Deputados, e collaborador do *Nacional*, que por diferentes vices tem admiravelmente defendido perante a *Corte dos Assises*, acha-se encarregado por Mr. *Laity*, para apresentar a sua defesa, que terá lugar nos 1.º dias de Julho, na Camara dos Pares.

Morreu a *Duquesa de Abrantes*, uma das senhoras mais instruidas, e engenhosas de França; auctora de

mais de 30 ou 40 volumes, entre os quais se fazeem admirar as *Memorias de uma contemporanea*, e o *Infante de Castella*. Um acompanhamento magestoso de pessoas illustres conduziu seus restos ao cemiterio. A dor resumbrava em todos os semblantes. Não faltaram n'este momento de magoas, como para saudar pela ultima vez a sua companheira, as primeiras notabilidades litterarias de França. Notavam-se no acompanhamento, o velho *Chateaubriand*, o audaz *Victor Hugo*, *Lamartine*, *Dumas*, *Vigny*, *Scribe*, *Delavigne*, *Cappesigüe*, *Balanche*, e mil outros.

Na Inglaterra ainda se não falla senão nos cavallos dos Lords, nas carruagens da Rainha, no luxo dos embaxadores, e mais pormenores da festa da coroação. A politica cede por dias o lugar á taes, e interessantes froileiras.

Do resto da Europa são boas as notícias. Ha paz em S. Petersburgo, brinca o povo em Berlim, Viena, e Veneza, e tudo vai bem.

Os Periodicos e Revistas muito se ocupam com o *Marechal Soult*; as gazetas *Tories* o atacam terrivelmente, o appellidam vil, fraco, e ignorante, para melhor tecerem elogios á *Wellington*, em quanto que os *Whigs* maito o defendem.

INTERIOR.

TRABALHOS LEGISLATIVOS DA SEMANA.

Passou todo o orçamento na Camara temporaria, cheio de enxertos, emendas, e submendas, que totalmente o desfiguraram. Tem continuado a discussão sobre o acto adicional, objecto de grande interesse, e magnitude.

Lembrados estarão nossos leitores, que desde que foi sancionado, e posto em execução o acto adicional, os Governos do Brasil se tem visto em graves embaraços, por que as Assembleas Provincias, irrogando-se direitos superiores aos que lhe havia concedido a Camara dos Deputados, interpretavam as suas atribuições muito differentemente do que tinha em mente o Legislador. Não tem té a presente quadra um só Ministerio, que, no seu relatorio, não tenha altamente clamado contra este abuso das Assembleas L. Provincias, e pedido ás Camaras do Brasil, que ponha um termo á este mal, por meio de uma sabia, e regular interpretação. Achou-se o actual Governo nas mesmas circunstancias.

O acto adicional, em nosso entender, constitue um d'esses actos despóticos, que pratic a qualquer cor-

po collectivo, exorbitando de suas atribuições. Havia como uma febre perniciosa grassado em quasi todo o Brasil o desejo de federação; sem que o povo a conhecesse, a houvesse jamais praticado, se deixava entretanto levar pelas palavras, e escriptos de alguns homens, que se achavam na direcção dos negocios. Si accaso se não enxertasse na Constituição Brasileira o elemento federativo, pareceria, que uma revolução geral teria lugar no paiz. A grandesa, e prosperidade dos Estados Unidos da America do Norte nos haviam por tal sorte enthusiasmado, que consideravamos, que sem a adopção de suas instituições, ou ao menos a approximação, e quasi semelhança d'ellas não poderia progredir o Brasil. E n'este lugar, cumpre-nos dizer francamente aos nossos leitores, que considerámos o enthusiasmo, que tem o nosso povo nutrido po; aquella republica, como o causador de todos os nossos males, de todas as desordeus, que aparecem no paiz. Sem se lembrar os nossos compatriotas da diferença dos costumes, do clima, dos homens, e do passado, pretendiam adrede republicanizar o Brasil, só por espirito de imitação dos Estados Unidos; não se lembrando, que antes de tudo cumpría nivellar a diferença real, e muito verdadeira, que existia entre os dous paizes; que autes de tudo se devia crear costumes no Brasil equivalentes aos da primeira nação Americana.

Os Deputados Brasileiros se não livraram da epidemia, que grassava por entre o povo, e pretendiam transplantar o elemento federativo para o nosso paiz; e como pensassem que o Senado fosse de encontro ás suas tentativas, oppozesse a elles obstaculos, julgaram dever saltar por cima de todas as leys, de todas as considerações.

A' despeito das instituições do paiz, do espirito da Constituição, que clara e expressamente prohibia fazer-se qualquer cousa, sem o acordo das duas Camaras, á despeito dos usos parlamentares, transmittidos por alguns annos de adopção de Assembleas, a Camara dos Srs. Deputados quiz só por si legislar, e formou o acto adicional, que apresentou á sancção Imperial, sem previa consulta da Camara dos Srs. Senadores.

Foi pois no seu principio nullo o acto adicional, e o Ministro, que o sancionou, sem que elle passasse por todas aquellas formas pelas Leis requeridas, unio-se ao despotismo da Camara electiva, tornou-se cumplice no seu comportamento.

E á todos estes motivos, á pre-

cipitação, que necessariamente divia haver na redacção d'este acto adicional, á pouca ou nem-uma reflexão, que se devia dár á este ou á aquelle artigo, pressurosos como estavam os Srs. Deputados de o finalizar, e levar á sancção, attribuimos todos os seus desfeitos, todos os abusos, que se tem commetido no Brasil por causa de sua interpretação.

A nação porém legitimou esse acto nullo no seu principio, como muito bem disse o nobre e honrado Deputado o Sr. *Moura Magalhães*, em uma Sessão da Camara electiva. A nação accitou-o, adoptou-o, praticou-o; e toda e qualquer instituição, embora originado de um golpe de estado, embora produzida por violentas desordens, actos despóticos, si é por um povo aceita e praticada, torna-se legitima, faz-se nacional.

Entretanto como estava o acto adicional sujeito á interpretação illegítima e absurda de qualquer Assemblea Provincial e Presidente de Província, pela precipitação, com que fora redigido, cumpria oppôr um dique d'invasão dos braberos, que por este modo falsificavam sua essencia, metamorphoseavam seu sentido; cumpria dar-lhe uma boa e logica interpretação, fixando o pensamento d'este ou d'aquelle artigo, que podesse dar motivos á conflitos. Era esta a missão da Camara, e ella a cumpre n'este momento.

A Assemblea Provincial de Minas Geraes foi uma das primeiras, que exorbitáram de suas atribuições; irrogando-se o direito de nomear, e demittir Parochos, não quiz acatar a decisão da Assemblea Geral do Imperio, quando esta, como Juiz competente, marcado pelo mesmo acto adicional, fixou o sentido do artigo, e ordenou-lhe que o cumprisse. Alguns homens esquentados d'aquelle Província, esquecendo-se dos seus deveres, e ignorando os males provenientes de sua conducta, calcaram aos pés a decisão da Assemblea Geral, e deram lugar á um conflito entre os dous Poderes Legislativos do Imperio, o Geral, e o Provincial.

Em algumas outras Províncias, as Assembleas locaes haviam dado diferentes interpretações ao acto adicional, e cada uma seguindo a marcha, que adoptará, constituio-se unico tribunal competente para julgar todos os casos, que ocorressem, e para legislar sobre tudo, que se lhes oferecesse. D'aqui provém essa notável diferença da legislacão, que existe entre algumas Províncias do Imperio. Umas creáron Prefeitos, outras os não quizeram, estas modifi-

aram Leys geraes, transtornaram os assos; aquellas seguiram outro rumo, dirigiram-se por outra parte.

E assim ignorámos qual seria o futuro destino do Imperio Brasileiro, i accaso continuasse os conflictos entre as diferentes Províncias, originados pela má interpretação dada por cada uma ao acto adicional à Constituição Política do Imperio.

Felizmente a Camara dos Srs. Deputados se comporta n'esta occasião por um modo admirável. Interpreta por meio de uma san hermeneutica os artigos, que offerecem motivos á diferentes accepções á diversos sentidos ao passo, que reconhece como legítimos todos aqueles actos até então praticados, por isso que reconhece, que elles são factos existentes, e que impossível é invalida-los, no momento, em que novos interesses se haviam criado, e cuja destruição seria prejudicial ao paiz.

Louvores pois sejam dados á Camara dos Srs. Deputados. Louvores tambem são devidos á Comissão nomeada, cujo trabalho tem sido quasi in *totum* adoptado pela Camara.

Teremos de vêr sem duvida este anno finalizado todos esses conflitos, todas essas interpretações feitas pelas Assembleas Provincias.

Si por um lado merece a Camara dos Srs. Deputados elogios sinceros, por outra tambem se lhe devem acres censuras. Que modo é esse de elevar todos os dias ordenados, dar pensões, prestar indevidas indemnizações? Não vê a Camara o quão escurcido está o futuro do paiz, com essa enorme dívida, que lhe pesa sobre os homens? Para que essas despesas desnecessarias, esses aumentos de deficit illegaes, e até alguns bem injustos? — Olhai para a Ley do Orçamento!... Que vergonha!..

Tratou-se de dar indemnização á um Periodico, que publicasse as discussões da Camara de 1839. — Novo aumento de despesas desnecessaria. A Camara tem a experiência de que é peior servida com periodicos pagos, do que deixando a publicação de seus trabalhos ao espírito mercantil. E si a Camara quer por força, pagar ao Periodico, que bem transcreva as suas discussões, prometta uma indemnização á aquelle, que melhor o fizer, deixando formar-se a concorrência entre elles, a qual lhe deve ser muito favorável: si a Camara porem escolher o *Despertador*, ou outro qualquer, dir-se-ha que os empenhos, e o patronato, lhe fornecerão semelhante decisão; é voz publica e corrente, que o *Despertador* tem-se por toda a parte empenhado, para que seja escolhido, e sem duvida que os Srs. Deputados

não quererão, que se lhes applique o labeo de *comprados*, em vez de seguir a linha de conducta, que lhes traçam o bom senso, e a experiença, que consiste em deixar esses trabalhos ao espírito mercantil das folhas Periodicas. Consta-nos, que para o anno havráo não menos de tres, que se darão á essa tarefa.

Na terça feira pediu o Sr. Ministro da Fazenda á Camara, que concedesse ao Governo um credito de Rs. — 4,600:000,000 — para o anno financeiro de 1840 á 1840.

No seguinte n.º faremos algumas observações sobre este novo credito.

LITERATURA.

Como muito agradassem ao publico as duas traduções poéticas, que em ns. passados lhe apresentámos; a ballada de — *Affonso e Isolinda* — do poeta Inglez — *Levis* — e o — *Seccar das folhas* — do Vate Parisiense — *Millevoye* — vamos hoje estampar uma ode de — *Casimiro Delavigne* — Poeta Francez, muito conhecido, auctor das *Messiennas*, do *Paria*, e de *Luiz XI.*, cuja tradução é devida á mesma penna, que verteu para a lingua Portuguesa a bella poesia de — *Millevoye*. — Nós a extractámos do — *Panorama* — de Lisboa.

O Cão do Louvre.

Tu, que passas, descobre-te! Ali dorme
O forte, que morreu:
Dá ao martyr do Louvre algumas flores:

Dá pão ao seu librêu.
Da batalha era o dia! — O canhão-trôa,
E o livre corre á morte — e junto d'elle

O seu cão vai:
A mesma bala ambos feriu. — O martyr
Não choreis — mas o amigo seu, que vive,
Só deplorai.

Tristonho sobre o forte elle se inclina,
Affagando-o, e gemendo; e à versão accorda
Poem-se á latir;
E do seu companheiro no combate
Sobre o cadáver sanguinoso o pranto
Deixa cair.

Esse torrão guardando, onde reposam
As cinzas dos Heróes, nada o consola

No seu gemer:

E ao que o ameiga, triste repellindo,
«Oh! qu' não és meu domino!» o cão parece
Tentar disser.

Quando sobre as grinaldas de perpetuas
O matutino alvor da aurora o orvalho

Faz scintillar,

Os olhos abre vividos, e pula
Para affagar seu domino, que elle pensa

Ha-de voltar!

Quando da noite a viração as c'rôas
Fez ranger sobre a cruz do monumento,

Desanimou:

Elle quisera que seu domino o ouvira:
E ladra, e uiva; mas o adeus da noite

Não escutou.

O Inverno chega; e a neve, com violencia,
Cae, e branquea, e esconde esse gelado

Leito de morte:

Eilo que solta um lugubre gemido,
E busca, ali deitando-se, ampara-lo

Do frio norte.

Antes, que os membros lhe adormente o sonmo,
Mil tentativas para erguer a campa

Inuteis faz:

Depois consigo diz, como hontem disse.
«Quando acordar, por certo ha-de chamar-me»

E dorme em paz.

Mas pela noite em sonhos vê trincheiras,
E seu domino entre as balas encontradas

Cair ferido:

E ouve-o, que o chama com sibilo usado,
E ergue-se, e corre atraz de uma vân sombra,
Dando um bramido.

E ali, que elle espera, hora apoz de hora,
E saudoso murmura: — ali prantea,

E morrerá:

O nome seu qual é? — Todos o ignoram:
O que o sabia, o domino seu querido,
Nunca o dirá.

Tu, que passas, descobre-te! — Além dorme
O forte, que morreu:
Dá ao martyr do Louvre algumas flores:
E esmola ao seu librêu.

Este cantico é uma das mais bellas poesias da França moderna. A melancolia, e o amor, que elle respira, bastaram por si para immortalizar qualquer Poeta.

CORRESPONDENCIA.

Ao meu amigo o Sr. Redactor do JORNAL DOS DEBATES.

E' já decorrido bastante tempo, depois que lhe enviei a minha ultima correspondencia. Esta demora fez pensar á algumas pessoas, que o seu estimável *Legalista* havia já espichado a perna, e partido d'esta para melhor ou peior vida. Mas não; enganaram-se redondamente esses Senhores; o *Legalista* está vivo, e bem vivo; e se não tem querido até agora mostrar-se, é porque vê o silencio sepulchral da tyrannia pairar por cima de tudo; e como elle é medroso, chama-se ás encostas, e quem for bravo, que saia para o campo.

Temos grandes contas á ajustar, meu caro Sr. Redactor. Vm. é um tal sujeitinho brigão; não deixa passar camisãozinho por malha de sua rede. Pegou-se com a nossa *primeira notabilidade*, e... o certo é, não sei si lho diga... que a victoria ficou da sua parte. Não foi sem vida por falta de inspiração poetica: a mythologia veio toda em socorro do indemnizado, e como elle é mythologico por excellencia, a *aguada Thetis*, o *monoculo Poliphemo*, e o *tafulo do menino de Chypre*, pulando e saltando por cima de seu arco, e ao derredor da filha da *concha do oceano*, calram-lhe em riba, e deram-lhe que faser: meu caro amigo, faz Vm. muito bem, não bula mais com tal gente; ainda que mal lho diga, Vm. deve livrar-se d'esse seu costume de muito metediso com todo o mundo.

E o que diz ao nosso silencio se-

sepulchral do Redactor em *Chefe do Despertador*? A mudez que o homem advinhou, que sens artigos eram fúriamente narcóticos, e por isso os intitulou — de *silêncio sepulchral*. E digom que o tal *Silvestre* não tem consciencia de si? *Poverus Doctor!* Elle por ahí andou rolando, sem ter que faser, encheando a bocca de grossos canhões de palavras, vomitando asneiras, e engodando os pobres tolos, que se estasiavam por não o entender... por sim arranjou-se, e disem que não mal... (escute, fique isto entre nós, não passe adiante...) — O que farão os pobres accionistas? — Quanto á mim, podem limpar as mãos á parede... foram-o buscar para *Chefe*... melhor fora, que o enviassem para o Largo do Machado, onde esteve a *Onça viva*, e ahí mostra-lo ao publico mediante 80 rs. por pessoa... que de um á outro ponha diferença vai... A onça é também livre, e acha-se actualmente curvada sob o peso do *silêncio sepulchral da tyrannia* dos homens... os demagogos combinam muito bem os seus desejos.. elles tem boas unhas, e bons dentes.... —

A oposição da Câmara dos Srs. Deputados tem-se conservado silenciosa; que formoso protesto contra a *sepulchral tyrannia* d'este maldito Governo, que só quer silêncio, e mais silêncio, ao ponto de nem deixar um pobre esfameado rabula exprimir suas ideas livramente... Isto agora é no estylo das frases *abrasadoras* do Tacito, o qual si viesse ao mundo, de certo que choraria de gosto, vendo um tão apurado discípulo no contemporaneo; e a alma do infeliz *Walpole* como não deve penar entre as fogueiras do Inferno, vendo-se todos os dias massacrada por uma pena creada expressamente para a immortalidade abrasadora!

Uma cousa ha em tudo isto, que tem o privilegio de chamar a gente ao espanto. (—Esta é de *Michel Chevalier* — calem-se — meninos) — Vem á ser a tal cousa, que o Sr. Montezuma não falle na Câmara.. Como é possível que essa *maquina de vapor de alta pressão* possa resistir ao desprezo de palavras, que se lhe amontoam á porta da cascata! — Consta, (—valha a verdade do bom Barata—) que elle regressando para casa, reúne em torno de si quantos moleques encontra, e diante d'elles pronnuncia o tremendo discurso, que preparára para a Câmara dos Srs. Deputados. Os moleques lhe não respondem, e elle então passeia pela casa á passos largos, e agigantados, canta a palinodia do triunfo, que alcançou contra o ministerio sombrio, de bayonetts extrangeiras, de vontades de sangue, anti-

jurysta, e que mais!... Já se me varreu da memoria... É preciso recorrer aos contemporâneos do *Parlamentar*, e da *Aurora*; estas phrases vêm d'elles, e realçam pelo seu espírito de moderação, e por suas luzes.

Ora como terá o bom Padre *Carapato-Garrote* sofrido, que o não deixem pregar os seus sermões de lagrimas?.. O bom do Vigario, que tanto gosta de garrotes, com visos de toiro, á ponto de blasfemar na Camara contra os monstros dos *carrapatos*, que estragam o gado do Ceará, não sei que efeito me faz com a sua mudez... já se não quer dar ao disfrute de tantos sens entusiastas... encaixa o gordo e fradesco caxaço entre os hombros, e fica quedo... quedo... nem uma *mumia do Egito*!..

— Oh patrício, ainda ha farinha á vender? — Si ha, dê-a cá ao Sr. *Nascimento*, que pretende por-se breve á reboque para o Ceará, e leva uma porção d'ella, misturada com pixe e breu para alimentar os garrotes d'aquelle infesta provincia, que tanto sofre do despotismo do Sr. *Manuel Felizardo*, á ponto de cairem os carrapatos em cima do gado, e morrerem todos os garrotes, que, segundo a nova Ley Provincial do Sr. P. *Alencar*, devem pertencer ao Vigario, para este os repartir por entre os seus mais íntimos acolytos e sacristas!.. D'esta vez fica-se mais ricco com garrotes do que com *cruzifixos de prata*.

Ora ahí vem o Reverendo das filhas forçadas do defuncto morto. Não deixemos passar esta fera por perto de nós, sem lhe darmos um tiro, e então venha a procissão, que todo o mundo gosta de a ver passar pela sua porta. Isto é a eloquencia viva, superior á eloquencia morta do bom do *Castro Alvares*.. que Deos tenha a sua alma no Ceo!.. O Reverendo é homem de luzes e trevas; orador da força de *Fox*, de pulso forte, de phrases abrasadoras... nunca deixa de falar em matéria alguma, que se discuta... por pouco que é *encyclopedia*: — diz missa, canta o officio e a ladainha, advoga, faz versos, e educa meninos. —

Ao lado do bixo-mameluco das Alagoas, que por artes de berliques e berloques foi nomeado 4.^o Secretario, marcha o espadaxin surjão de Campinas, habituado a lambor tudo por fóra. Este illustre representante de S. Paulo é por excellencia insignae, e sabixão. Quem melhor do que elle argumenta sobre os principios da Cartilha do P. Ignacio? Quem quando falla enche a bocca d'água com mais graça, toma posições mais theatrâas, tem gestos mais comicos? — Este é o *superfine and first model* dos Ora-

dores modernos. *Sal horaciana* transborda-lhe os beigos, o espírito lhe escapa pelos vermelhos dentes, sussurras d'água por um potte fumado. E quando se falla em *Paulista*; lhe vem a boca, respeitem os tabarecos,

Charlatanismo, charlatanismo! Como te ergues cabeçudo na nossa Patria!.. E com que audacia, e desvergonhamento mangas com todos os Brasileiros! — E o alcatear de S. Paulo é mestre n'esta parte do discurso em que se tocca o sublime da oratoria; a voz se lhe engrossa.. as palavras saem limpida e fluentemente.. é mesmo por isso, que elle *falla, falla, falla*, que nem a *maquina de vapor de alta pressão* lhe ganha em despejar phrases... tres dias de discurso.. cá por mim, estou ainda com os ouvidos martellados com tanto *zumzum* de palavras.

Dizem por ahí que elle tem muitas pilherias, e felizes lembranças; a filhação do *Filho do Sete de Abril* lhe é exclusivamente atribuida; é por isso que eu, com toda a humildade, vou ter a ousadia, de offertar á esse periodico, um pedacinho de ouro de um certificado atribuído ao illustre Deputado o Sr. *Alvares Machado*, passado em *Campinas*, isto dará mais uma prova do *espírito e sal horaciano* do nobre Redactor do *Filho do Sete de Abril*, que tão moral, religioso, e caustico se mostra ao publico d'este Capital.

Certesico eu Francisco Alvares Machado, Cirurgião Cirurgico, e Fremacetiaco, Approvado pelo Porto-Medicato, e destinado pelo mesmo para applicar a materia vaginosa, essa invenção tão util á immortalidade, que n'este pequeno recinto, chamado pelos Publicistas *Campinas*, foram vaginadas sete mulheres, prenhes por mim em um só dia, e nem uma d'ellas prigou, nem tem bexigas. Certesico mais que o Rocha do Balão padece em consequencia nos olhos, e por isso não pode servir á Sua Magestade, tendo-lhe os ratos lambido por fóra as pestanas.

Campinas 24 de Julho de 1854

F. Alvares Machado.

Eilo abi vai, adeos meu caro Sr. Redactor. Lembre-se do seu amigo Legalista.

N.B. Sr. Redactor. O Sr. Senador *Paula e Sousa*, desde o dia 3 de Setembro, não vai ao Senado; elle não gosta de prorrogações; recebe o competente subsidio na vespera do dia, que finalisa os 4 mezes de Sessão ordinaria, e por puro patriotismo, monta no seu burro, e vai-se para Itu-